

A subjetividade como ferramenta construtiva na produção dos tipos de discursos sobre o Jesus Histórico

**Subjectivity as a constructive tool in the production of types of
discourse on the Historical Jesus**

*Hudson Silva Lourenço*¹

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), onde fui bolsista FAPERJ até fevereiro de 2024. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS-UFRRJ) e bolsista CAPES.

E-mail: HUDSON_HISTORY@UFRRJ.BR

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0448-882X>

RESUMO

O artigo apresenta resultados obtidos de uma pesquisa teórica e bibliográfica da literatura sobre o Jesus Histórico especificamente elaborada na terceira etapa da pesquisa, esta conhecida entre os pesquisadores da temática por *Third Quest*, compreendida e melhor delimitada a partir dos anos 1980. Com esse estudo, buscou-se construir analiticamente, a partir de uma tentativa em explorar os discursos textuais dos indivíduos autores, suas *ações* transparecidas através de seus discursos textuais, estes que podem aparecer de forma explícita ou implícita, mas que, ao final, nos permitiu rastrear os tipos de *sentidos* e *significados*, esses dos mais variados atribuídos ao Jesus histórico. Para além disso, nosso estudo se pautou em duas hipóteses, sendo uma afirmativa, esta que questiona que a noção sobre o Jesus histórico padece de uma *ilusão biográfica*. A outra, foi a de demonstrar que a representação do Jesus histórico é resultado de uma subjetividade que o individualiza.

PALAVRAS-CHAVE: Jesus histórico; *Third Quest*; Subjetividade; Ilusão biográfica.

ABSTRACT

The article presents the results obtained from a theoretical and bibliographical survey of the literature on the Historical Jesus, specifically elaborated in the third stage of the research, known among researchers on the subject as the Third Quest, understood and better delimited from the 1980s onwards. With this study, we sought to construct an analytical approach, based on an attempt to explore the textual discourses of the individual authors, their actions revealed through their textual discourses, which may appear explicitly or implicitly, but which, in the end, allowed us to trace the types of senses and meanings, the most varied of which are attributed to the historical Jesus. In addition, our study was based on two hypotheses, one of which is affirmative, questioning that the notion of the historical Jesus suffers from a biographical illusion. The other was to demonstrate that the representation of the historical Jesus is the result of a subjectivity that individualizes him.

KEYWORDS: Historical Jesus; Third Quest; Subjectivity; Biographical illusion.

O presente artigo apresenta algumas reflexões a respeito dos resultados de pesquisa que deram materialidade à dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGCS-UFRRJ), no ano 2024, intitulada *Entre sentidos e significados: uma leitura antropológica e filosófica da subjetividade, como ferramenta construtiva na produção dos tipos de discursos do Jesus histórico*.²

Sobre o conhecimento acerca do Jesus histórico: esboço das etapas da pesquisa

A pesquisa do Jesus histórico é melhor sinalizada como processo de aquisição de conhecimento sobre o Jesus de Nazaré, que é um extenso trabalho que pretende constituir um retrato de um Jesus longe dos supostos falseamentos da Igreja. Todavia, Meier argumenta que “[...] o historiador fica com a difícil tarefa de peneirar a tradição histórica existente nos quatro Evangelhos” (MEIER, 2003, p. 21).

Segundo Walter Eduardo Lisboa (2001), as etapas da pesquisa do Jesus histórico foram organizadas em três fases pelas quais o interesse acadêmico tem passado. O autor propõe a seguinte divisão: 1. *A época Moderna da pesquisa: Hermann Samuel Reimarus (1694-1768)*, tendo o ponto de partida metodológico com Reimarus, um professor de línguas orientais em Hamburgo, estabeleceu-se a separação entre o Jesus histórico e a fé apostólica em Cristo. Lisboa aponta

² Na concepção do teólogo John P. Meier, esse termo científico diz respeito “[...] ao Jesus que podemos resgatar, retomar ou reconstituir, utilizando os instrumentos científicos da moderna pesquisa histórica. Considerando-se o estado fragmentário de nossas fontes e a natureza muitas vezes indireta dos argumentos que devemos usar, este “Jesus histórico” será sempre um constructo científico, uma abstração teórica que não coincide, nem pode coincidir, com a realidade plena do Jesus de Nazaré que de fato viveu e trabalhou na Palestina no primeiro século de nossa era” (MEIER, 1992, p. 11).

para um momento de instabilidade na primeira etapa, que pode ser entendido como *colapso da pesquisa* que surge ao final da fase da teologia liberal, onde em síntese demonstrou um desapontamento teórico em reconstruir a vida de Jesus a partir das fontes mais antigas.

Acerca do *colapso da pesquisa*, constatou-se que a abertura de um novo caminho para uma nova etapa da pesquisa acerca da historicidade de Jesus, cuja base se dá no exame crítico das principais fontes para tal, ocorre em um momento marcado por deficiência metodológica e dialética que ficou clara quando erguidas pelo trabalho empírico dos estudiosos. Aponto metodológica devido à segunda etapa ter sido apenas um momento de grandes buscas e afirmações historicizadas, talvez de reivindicações religiosas pautadas no liberalismo teológico alemão sobre a vida de Jesus na virada para o século XX. Digo dialética devido ao fato das construções, ou melhor, dos retratos, expressarem uma espécie de resultado da tradição metodológica que naquele contexto e momento se pautava nas fontes julgadas mais antigas para a reconstrução do retrato mais fiel e aproximado do Jesus de Nazaré, apresentado no Jesus histórico, que por muito intentou separar o Jesus histórico do Jesus Cristo e, distanciá-los sem admitir a sua dupla personalidade unificada. Logo, depois de tanto esforço para distinguir, a conclusão é que são inseparáveis.

À vista disso, de acordo com Theissen e Merz (2015, pp. 24-25), houve um certo *colapso* da pesquisa sobre a vida de Jesus. Os autores alocam Albert Schweitzer (1875-1965), Rudolf K. Bultmann (1884-1976), Georg F. E. W. Wrede (1859-1906), Karl L. Schmidt (1891-1956) e Martin Dibelius (1883-1947), como sendo os principais pesquisadores e críticos dos estudos sobre a vida de Jesus no contexto da teologia liberal. Em síntese, segundo a perspectiva dos autores, Schweitzer, em sua obra intitulada *A busca pelo Jesus histórico*, “[...] demonstrou que cada imagem de Jesus [...] revelava a estrutura de personalidade que, aos olhos do

autor, valia como o ideal ético mais digno de almejar” (THEISSEN; MERZ, 2015, p. 24). Se tratando de Wrede, em 1901, teólogo luterano alemão, sua crítica apontava para um caráter tendencioso das fontes mais antigas existentes sobre a vida de Jesus, onde, através de sua exposição, “[...] desaba a confiança na possibilidade de distinguir a partir de duas fontes antigas entre a história de Jesus e a imagem do Cristo pós-pascal” (p. 24). Enquanto isso, K. L. Schimdt, “[...] demonstrou o caráter fragmentário dos evangelhos ao argumentar que a tradição de Jesus consiste em “pequenas unidades” e que o quadro cronológico e geográfico “da história de Jesus” foi criado secundariamente pelo evangelista Marcos [...]” (p. 24). Sendo assim, “[...] desaparece a possibilidade de extrair um desenvolvimento da personalidade de Jesus a partir da sequência das perícopes” (p. 24).

Ademais, denominada como 2. *A nova pesquisa do Jesus histórico*, Lisboa (2001), ressalta que a segunda etapa da pesquisa é desenvolvida no círculo dos discípulos de Rudolff Bultmann, em primeiro momento seguida por uma pesquisa na história das religiões, a fim de entender a exaltação do Cristo *kerygmático*, fundamentada na cruz e ressurreição. Ali, a questão inicial foi rastrear a pregação de Jesus antes da Páscoa. Essa fase, metodologicamente, substitui a fase anterior (fundamentada no estudo e reconstrução crítica-literária das fontes mais antigas) ao divorciar Jesus de seu ambiente judeu e das realidades políticas, sociais e econômicas presentes em seu mundo da época em que, segundo Lisboa, tal contextualização corria o risco de produzir outra leitura anacrônica de Jesus, como havia sido a primeira. Nesse sentido, essa etapa logo sucumbiu.

3. *A terceira pesquisa do Jesus histórico*, se tornou mais conhecida como *Third Quest*. Segundo Lisboa (2001), essa etapa iluminou o Jesus histórico, rendendo melhores visões sobre ele sob um panorama que observa e analisa a área de vivência do Jesus de Nazaré – visão holística de Jesus. Dessa forma, passou-se a

considerar metodologicamente os espaços sociais e relacionais do Jesus de Nazaré a fim de projetar no Jesus histórico, sobretudo em investigá-lo como sendo um homem, quer dizer, um judeu palestino do século I.

Foi justamente nesse momento em que se pode sinalizar a *Third Quest*. Entre pesquisadores(as) da temática, essa etapa da pesquisa em busca pelo conhecimento sobre o Jesus histórico possui como proposta central mobilizar estudos pautados no recorte teórico e metodológico que se volta a centralidade do retrato discursivo sobre Jesus inserido no contexto de sua época, ou seja, o *judaico-palestino*³ do século I. Isso exprime dizer que os retratos conferidos ao Jesus histórico a partir dos anos 1980, o consideram como sendo um homem qualquer, um camponês comum, conforme acentua Crossan (1994), característico da Palestina do século I. Enquanto o Jesus de Nazaré é o homem que viveu na Palestina do século I, o Jesus histórico é o reflexo desse homem, que pode ser conjecturado por métodos científicos da recente pesquisa moderna.

Nota-se que a contribuição das Ciências Sociais para este novo momento ressurgente é de extrema importância, pois a perspectiva dessas ciências permite um olhar refinado ao tecido social da vida judaica da época, além de auxiliar na manutenção e no grosso da pesquisa, no corpo da investigação. Sendo assim, possibilita novas ferramentas de análise que tocam em vertentes características do campo. A exemplo: as relações sociais, o lugar e a posição das mulheres na sociedade, a hierarquia social, o espaço social e político, o fator cultural e simbólico daquela sociedade e, sobretudo, fatores de caráter antropológico no estudo da família e parentesco do Jesus de Nazaré, entre outros elementos. É nesta etapa que se concentra o maior número de trabalhos sobre o Jesus histórico, de onde partem desses novos focos de análise.

³ Termo de John Piper Meier (2003, p. 53).

Considerações iniciais sobre este artigo

Nosso objetivo aqui visa apresentar possíveis reflexões sobre os tipos de sentidos e significados⁴ atribuídos ao Jesus histórico na terceira etapa da pesquisa a partir da noção social da *subjetividade*. Assim, por meio de uma pesquisa teórica e bibliográfica da literatura sobre o Jesus histórico elaborada na terceira etapa da pesquisa, propomos analisar os tipos de discursos textuais atribuídos ao Jesus histórico, questionando-os ao final com base na noção social da subjetividade⁵ segundo a teoria de Fernando González Rey (2017).

Este artigo apresentará os resultados obtidos em dois de nosso exame, ao questionar a noção social da subjetividade como um processo constitutivo do indivíduo – e constitutiva da vida humana – que possibilita, em síntese, a investigação do seu modo singular; sobretudo, a subjetividade por esse recorte social como ferramenta construtiva dos tipos de discursos do *sujeito falante*⁶, esse interpretado na dissertação como a fonte do sentido, ou seja, responsável com a maneira na qual se constituem os sentidos e significados atribuídos ao

⁴ São interpretados como sendo uma unidade que possui um caráter social, portanto, elas se apresentam a nós como expressões, não necessariamente como palavras, mas como expressões subjetivas.

⁵ Deve-se entender que a noção de subjetividade na qual nos fundamentadas, não está encerrada na personalidade do sujeito, ou seja, no interior dele. A subjetividade aqui deve ser entendida como um constructo macro, segundo a teoria de Fernando González Rey. Em síntese, ela deve ser entendida tendo em vista o seu constructo teórico e epistemológico, que nos remete às estruturas do social que todo ser humano faz parte. Dessa forma, entendemos que as experiências de vida do sujeito pesquisador convergem para o objeto no ato discursivo, esse que se encontra em investigação. Assim, argumentamos que esse discurso textual produzido é um discurso de uma subjetividade social.

⁶ Conforme acentua Foucault (2013), sobre o discurso textual e o sujeito falante, este está para além daquilo que é dito, porém regulado por uma certa ideologia que indica o lugar singular de um sujeito falante, respectivamente (pp. 138-150).

Jesus histórico. A noção social da subjetividade é com base na teoria de Fernando González Rey (2017).

Segundo González Rey.

[...] Os sentidos subjetivos entremeados nessas expressões nos dão conhecimento acerca de áreas da vida envolvidas no estudo, que irão adquirir significado por intermédio do modelo teórico que integra a multiplicidade de indicadores, que, em sua relação, permitem gerar outros indicadores sobre tais sentidos. [...] Os indicadores são inapreensíveis por outros sistemas de construção que abordam o estudo da subjetividade (GONZÁLEZ REY, 2017, p. 35)

Dessa forma, a subjetividade se apresenta a nós como uma unidade complexa expressada por duas dimensões características do conhecimento antropológico na discussão sobre identidade e o que pode ser analisado na dinâmica interacional, quer dizer, a partir da interação com o outro. Estou me referindo às dimensões: eu; nós; eu; outro. Entende-se que González Rey demonstra que, por meio do conceito de *subjetividade social*, cujos significados são explícitos pelos indivíduos e grupos, o que automaticamente permite pensar que estes significados são adquiridos por intermédio das relações do sujeito, este permite a expressão sujeito enquanto eu e grupos pela expressão nós/outro.

Para González Rey (2017), “[...] a subjetividade é um sistema configuracional, que se organiza por configurações subjetivas diversas em diferentes momentos e contextos da experiência humana” (p. 62). Esse sistema configuracional é a base da teoria da subjetividade, segundo a aceção do autor. Uma vez que a subjetividade não representa um sistema fechado, muito menos um ‘suprassistema’ acima das ações humanas e dos contextos em que elas acontecem (p. 62, grifo nosso), ela integra-se em dois níveis diferentes que

aparecem estreitamente inter-relacionados: subjetividade individual e subjetividade social (pp. 63-64).

Metodologia empregada

A metodologia aplicada em nosso estudo é a Análise Textual Discursiva, esta que conforme Galiazzi e Souza (2022),

[...] é apresentada como uma metodologia de análise qualitativa que se afasta da perspectiva positivista de investigação e que busca superá-la a partir da aproximação com a hermenêutica [...] ao pretender superar modelos de pesquisas positivistas, aproxima-se da hermenêutica. Assume pressupostos da fenomenologia, de valorização da perspectiva do outro, sempre no sentido da busca de múltiplas compreensões dos fenômenos. Essas compreensões têm seu ponto de partida na linguagem e nos sentidos que por ela podem ser instituídos, implicando a valorização dos contextos e movimentos históricos em que os sentidos se constituem. Nisso estão implicados múltiplos sujeitos autores e diversificadas vozes a serem consideradas no momento da leitura e interpretação de um texto (MORAES; GALIAZZI, p. 80 *apud* GALIAZZI; SOUSA, 2022, pp. 19-20)

O processo de Análise Textual Discursiva, segundo a teorização de Galiazzi e Sousa (2022), se dá em três momentos auto-organizados: *desmontagem dos textos, estabelecimento de relações e captando o novo emergente*. Logo, foi a partir da análise dos sentidos e significados do sujeito em seu texto onde construímos uma síntese – metatextos – que envolve construir entendimentos sociais a partir da interação de diferentes vozes, visando considerar a diversidade dos sujeitos da pesquisa que estão articulados em redes coletivas de significados, posto o desafio a compreendê-las, interpretá-las e descrevê-las (2022, pp. 20-23).

Na medida em que fomos organizando o *Corpus* e estabelecendo as aproximações de sentidos até a categorização final, e a descrição dos metatextos, “[...] estes movimentos articulados tramam as condições para a compreensão da coisa, a descrição de algo, entretanto não é este algo que se quer escrever” (GALIAZZI; SOUSA, 2022, p. 127). Isso porque a descrição de algo que se apresenta como explícito tende a impulsionar a uma interpretação que anteriormente fora percebida por aquele que descreve, que o(a) encaminha através de sua análise a uma interpretação já esperada. Ou seja, estou querendo apontar ao exercício analítico que busca aportes da Hermenêutica (2022, p. 127), com base na descrição da (s) categoria (s), essas que são tantas e infinitas, mas que de alguma certa forma apresenta ao sujeito da sua pesquisa, um novo emergente a ser captado que aponta, neste caso, a algo que não é próprio deste sujeito, mas que está apresentado (dado) à comunidade de modo que expressa diretamente um significado denso (2022, p. 126) no procedimento, sobre o fenômeno em análise.

Em vez de se basear em conceitos preexistentes, na ATD.

[...] a leitura de textos pelo pesquisador é um exercício de atitude fenomenológica de atribuição de sentidos e significados aos materiais textuais que evidenciam a perspectiva do outro [...]. Toda leitura e toda análise textual já é uma interpretação e, por isso, o pesquisador precisa se assumir autor das interpretações construídas ao analisar os textos. Isso porque interpretar é construir novos sentidos e compreensões aprofundadas, indo além da descrição [...] (GALIAZZI; SOUSA, 2022, pp. 136-137).

Desse modo, nosso tratamento analítico do texto com base na técnica de Análise Textual Discursiva, segundo a teorização de Roque Moraes, mas a partir da obra de Galiazzi e Sousa 2022, nos apresentou várias unidades de sentidos e significados atribuídos ao Jesus histórico, contudo, se tratando de

nossa leitura e interpretação desses excertos, ela se deu no que podemos chamar de *fusão de horizontes*⁷ distintos, mas que em todo o caso, tratando-se de uma parte dos discursos textuais analisados, apontou para uma unidade interpretativa capaz de englobar um conhecimento que diríamos que se dá em rede, devido à complexidade das etapas.

Os metatextos elaborados são únicos e distintos entre si, variando sobremaneira num conjunto que eu chamaria de conjunto de características e propriedades atreladas a um sentido no qual o autor(a) se apoia – o que se apresenta a nós como desconhecido, obscuro – mas que permite uma comunicação coerente através da mensagem contida em outros sujeitos autores.

No novo emergente, nas palavras de Roque Moraes (2003), a metáfora *uma tempestade de luz* faz alusão a forma como emergem ao longo do envolvimento nos materiais da análise as novas compreensões no processo analítico. Desse modo, resulta de *uma ordem por meio do caos e da desordem* (p. 210), a produção de novas compreensões com relação aos fenômenos em exame, quer dizer, os novos *insights* não são construídos a partir de uma linearidade, como bem elucida o autor, muito menos de forma consciente, ou seja, objetivando algo ao final. Elas são imprevisíveis, são analisadas e reanalisadas a todo momento do processo, e nunca chegarão a uma única finalidade que seja julgada como capaz de fornecer uma compreensão fechada do que está em exame. Desse modo, nos baseamos na metáfora de Moraes (2003) e a entendemos como sendo também um tipo de guia metodológico que nos auxilia no processo onde materializa a avaliação dos dados.

O processo de aplicação da Análise Textual Discursiva

⁷ Me apropriei desse termo presente na obra de Galiazzi e Sousa 2022 (p. 136), que segundo os autores é de teorização de Gadamer (2015).

Esta parte pretende apresentar como se deu a aplicação da Análise Textual Discursiva no exame dos dados, desde o processo de unitarização ao longo processo analítico de um texto. O que será apresentado é o plano final, após etapas de análise e reanálise dos dados coletados, que foram estruturados e organizados em tabela onde os códigos que elaboramos foram atribuídos.

A parte da *Atribuição das unidades teóricas* diz respeito às unidades de discurso específicas de ideias e argumentos que foram escolhidas após um processo de revisão das unidades de sentidos e significados que levou em consideração os eixos identificados no texto extraído. Desse modo, elaborei cinco códigos distintos, devidamente testados antes de serem organizados, porém estes serão aplicados de forma igual em toda etapa de *Atribuição de unidades teóricas* sob o processo de *unitarização* de uma obra. Podendo serem sinalizados ou não.

Os códigos são: *[A]rgumentação; [N]arração; [US]nidade semelhante; [UNU]unidade única e [C]onclusão.*

[A]: esse código diz respeito ao excerto extraído da obra que pode ser entendido apenas como sendo uma unidade argumentativa, ou seja, pessoal do pesquisador(a) sobre o Jesus histórico, mas que, muito embora não seja única;

[N]: já essa, seria basicamente um complexo, digamos assim, de unidades misturadas que serviram aos fins de contextualização, seja com base em algum material utilizado pelo autor(a), embasamento em algum texto contido nos textos dos Evangelhos ou em outra fonte/ documento qualquer, ou uma unidade recorrida em outra obra a fim de apresentar determinada aproximação, concordância ou até mesmo divergência de ideias;

[US]: já essa, que denominei como Unidade semelhante é qualquer unidade de sentido e significado presente no excerto que também aparece(u)

em outra obra explicitamente ou que no entendimento apontem à mesma finalidade interpretativa, ou seja, se igualem. Havendo necessidade, irei sinalizar a obra e a unidade no *metatexto*.

[UNU]: designa basicamente as unidades que comportam sentidos e significados caracterizados como únicos no excerto, ou seja, um argumento ou um tipo de retrato sobre o Jesus histórico elaborado segundo preceitos ideológicos do autor(a). Esse último código é um pouco semelhante ao código [A]. Porém, ele exprime uma informação referente ao conteúdo contido no excerto extraído, em que o autor apresenta sua influência no retrato discursivo sobre o Jesus histórico.

[C]: é literalmente uma conclusão, mas precisamos entender que ele foi cuidadosamente sinalizado e pensado. Isso porque, devido à sua complexidade, ele pode ser facilmente confundido. Este código também se aplica tendo em vista a soma dos códigos [A] + [N] + [US] + [UNU], todavia ele é somente sinalizado quando detectado uma percepção do sujeito autor que possa soar como uma resposta, uma argumentação, quiçá ideia apresentadas em decorrência das informações anteriores contidas no excerto.

Exemplo prático I: Extraído da dissertação (LOURENÇO, pp. 143-149, 2024).

Exposição do corpus: André L. Chevitarese, Gabriele Cornelli e Monica Selvatici: *Jesus de Nazaré: Uma outra história*, 2006.

O *corpus* de análise aqui é uma obra de André Leonardo Chevitarese, Gabriele Cornelli e Monica Selvatici, *Jesus de Nazaré: Uma outra história*, 2006. Sob a organização destes autores, esta riquíssima obra é composta por artigos que abordam questões metodológicas e teóricas sobre a temática do Jesus de

Nazaré. Todavia, como os autores discorrem, esta obra pode ser entendida num contexto onde se compreende o amplo processo de reavaliação do cristianismo. Isso porque, segundo o nosso entendimento, o cerne da pesquisa está nas características do estudo de Jesus e das origens do cristianismo, com base em resultados recentes àquele momento sobre a comunidade cristã primitiva realizada no meio acadêmico brasileiro. Esta obra é um esforço analítico de intelectuais brasileiros de diversas áreas (arqueologia, história, ciências da religião e filosofia), sintonizados, que apresentam questões mais recentes referentes à vida de Jesus, e sobre a busca do Jesus histórico.

A obra está dividida em duas partes. Na primeira, vemos artigos dos referidos autores onde, em ordem cronológica e em quatro capítulos, tratam sobre questões referentes ao nascimento, vida e pregação, julgamento e morte de Jesus de Nazaré, e ainda sobre o seu legado na comunidade cristã primitiva (p. 13). Desse modo, a estrutura inicial visa apresentar as primeiras questões referentes à vida de Jesus como uma forma de introduzir o(a) leitor(a) à temática e sob discussões mais recentes.

Na segunda parte, vemos um conjunto de artigos de acadêmicos brasileiros e intelectuais de língua inglesa (John P. Meier, Adela Yarbro Collins e John Dominic Crossan), que tratam basicamente sobre três grandes eixos temáticos: Fontes para o estudo do Jesus histórico, pela análise de John Dominic Crossan; A relação de Jesus com as tradições do judaísmo antigo, com John Piper Meier, e as práticas religiosas judaicas do século I, segundo a análise refinada de Paulo Augusto Nogueira; e ao final, sobre a instituição do Templo de Jerusalém, pela abordagem de Adela Y. Collins, Daniel Veiga e Luiz Felipe Ribeiro, cujas conclusões e apontamentos são diferenciados, e por fim, sobre a temática polêmica, segundo a percepção de Pedro Paulo Funari, que diz respeito à relação entre Jesus e a instituição judaica do Templo de Jerusalém.

Em síntese, esta obra é de indispensável leitura, além de sua originalidade, ela é rica em suas contribuições sobre o estudo do Jesus histórico.

Quadro N^o 4 – Processo de unitarização de uma obra

Atribuição de unidades teóricas

Chevitarese, Cornelli e Selvatici (2006)		CÓDIGOS
Número	Excerto (unidades de significados)	
1	“[...] O Jesus histórico não seria um messias religioso, mas segundo a esperança judaica do tempo, um libertador político na linha messiânica davídica” (p. 17) – Gabriele Cornelli; (“Jesus nasceu da estirpe de Davi”) p. 47 – Chevitarese.	[A]/ [N]/ [C]
2	“[...] Jesus revive a história do povo hebraico no AT e se mostra um novo José (Gênesis 37), um novo Moisés e um novo povo de Israel (Êxodo 4:22-23) – Mônica Selvatici (p.30);	[N]
3	Título: [...] Jesus mago popular galileu (p. 83) – G. Cornelli;	[US]
4	“Jesus foi provavelmente um dos maiores magos da Antiguidade. Sua fama foi ligada especialmente a um aspecto de sua magia: a prática de exorcismos” (p. 83) – G. Cornelli;	[A]/ [C]/ [US]
5	“Jesus, então, era um mago” (p. 84) – G. Cornelli;	[US]/ [C]
6	“[...] atividade mágico-taumatúrgica” (p. 87); “[...] diversos dos assim chamados sumários testemunhavam a fama e a prática de Jesus como curandeiro popular [...] Jesus também era rezador, e dos mais poderosos” (p. 87) – G. Cornelli.	[N]/ [US]/ [C]
7	“[...] poder xamânico de cura e exorcismo” (p. 93) – G. Cornelli;	[N]/ [C]
8	“[...] o conjunto de tradições sobre o Jesus histórico parece indicar que os modelos proféticos do galileu Jesus são Elias e Eliseu, profetas da tradição popular do norte, magos e taumaturgos” (p. 103-104) – G. Cornelli;	[N]/ [US]/ [C]
9	“[...] itinerante galileu” (p. 111) – G. Cornelli;	[US]
10	“[...] homem divino Jesus” (p. 113) – G. Cornelli;	[US]/ [C]
11	“[...] fama de milagreiro de Jesus” (p. 113);	[US]
12	“Jesus, um galileu” (p. 263) – Paulo Roberto Garcia;	[US]
13	“[...] profeta itinerante galileu iletrado [...] profeta e pretendente messiânico de origem e atuação popular?” (p. 294) – Paulo A. Nogueira;	[US]
14	“[...] Jesus foi discípulo de outro pretendente messiânico, João Batista” (p. 297);	[US]/ [C]
15	“Jesus histórico [...] em sua atuação como exorcista” (p. 298);	[US]
16	“[...] Alguém poderia argumentar que o relato foi criado após a morte de Jesus de forma a apresenta-lo como um reformador dos locais e rituais sagrados [...] outro possível argumento seria o de que a importância original do relato reside no retrato de Jesus como o iniciador do cumprimento da profecia de Isaías de que todas as nações farão, no tempo escatológico, o culto no Templo de Jerusalém” (p. 302) – Paulo A. Nogueira;	[A]/ [UNU]/ [C]

Fonte: Elaboração própria (2024).

Categorias emergentes: As categorias emergentes advinhas da leitura e do exame dos excertos acima, que se deu após uma análise acerca do conteúdo contido nele, e apresentadas a nós a partir da aplicação da ATD sobre as unidades de sentidos e significados, têm a ver com as indicações metodológicas que se relacionam ao discurso empírico com as unidades teóricas que os autores(as) tratam nos eixos temáticos. As categorias incluem os aspectos fundamentais para a delimitação do estudo sobre o Jesus histórico, sua suposta personalidade, onde tratam basicamente de suas atribuições, e um estudo que transita entre épocas e em contextos distintos da história da humanidade a fim de fundamentar e contextualizar a narrativa particular dos autores. Portanto, as categorias incluem aspectos que fundamentam o estudo, partindo de uma análise do Antigo Testamento, que inclui tal profecia a se cumprir num tempo escatológico, e das atribuições fenotípica, religiosa e social de Jesus, a partir da percepção dos autores(as), e ainda assim do fator escatológico presente no projeto messiânico de Jesus.

Metatexto: O discurso presente nessa obra, quanto ao estudo sobre o Jesus de Nazaré, busca, de maneira geral, articular aspectos que são relevantes para o seu estudo e a compreensão do próprio mundo atual. Desse modo, há questões de caráter teórico-metodológico e de fontes para o estudo do Jesus histórico que exprimem, sob uma análise separada (como propõe John Dominic Crossan), analisar o fator histórico de forma isolada que está presente no texto bíblico. O Jesus histórico não seria um messias (CHEVITARESE, 2006, p. 17), mas segundo a tradição judaica do tempo, ele seria um libertador político na linha messiânica onde, segundo a perspectiva de Selvatici (p. 30), revive a história do povo hebraico no Antigo Testamento, ao se apresentar como um suposto José, um novo Moisés e um novo povo de Israel.

Os excertos apresentam três temas principais: Jesus como um libertador político, um mago da Antiguidade e sua morte com respaldo no cumprimento de uma profecia.

Jesus como um libertador político. Essa argumentação é de Gabriele Cornelli e está fundamentada na tradição cultural e religiosa judaica do tempo de Jesus, esta que o apontava como um libertador político na linha messiânica. Em diálogo com tal afirmativa, André Leonardo Chevitarese argumentará que Jesus nasceu da estirpe de Davi (p. 47), ou seja, na linhagem messiânica. A fim de complementar tal questão, Monica Selvatici demonstra que a personalidade de Jesus possuía resquícios que o igualavam a outros denominados como libertadores característicos da história do povo hebreu. Desse modo, na história do povo judeu, Jesus se mostra como sendo um novo José (Gênesis 37), um novo Moisés e um novo povo da região de Israel (Êxodo 4: 22-23), (p. 30).

Percebe-se que as análises dos autores resgatam questões concernentes à história de um povo num determinado contexto, mas que se volta à uma história “antiga” que permite inferir algo sobre o presente, ou seja, ao momento da história judaica em que o Jesus de Nazaré está inserido. Portanto, os autores apresentam um laço cultural-histórico que visa estabelecer algo em comum entre personagens históricos, que neste caso, é o fator libertador político entre eles. E se há a presença deste, independentemente do contexto, é porque havia uma necessidade de libertação sob o jugo de uma camada opressora a um povo necessitado, inferiorizado por um sistema regulador e ditador.

Um mago da antiguidade. Jesus de Nazaré seria basicamente um mago galileu qualquer, ou seja, popular no seu tempo, segundo Gabriele Cornelli (p. 83). Ser mago na antiguidade denota uma dificuldade interpretativa, isso porque há no ínterim de tal título uma discussão sobre magia e milagre. Tal discussão coloca-se enquanto problemática no estudo sobre o Jesus histórico

devido ao fato de pesquisadores(as) defenderem que esse ato miraculoso de Jesus não passa de magia e que seus milagres são explicados por termos sobrenaturais.

(CHEVITARESE; CORNELLI; SELVATICI, 2006) trazem esses compartilhamentos culturais, tanto no âmbito do judaísmo e do cristianismo primitivo, como no que diz respeito aos tipos de manifestações religiosas gregas e romanas. Todavia, o título de mago presente no excerto, é com base na percepção de Cornelli (p. 83), isso porque o autor se dedica a explorar o conceito de magia atrelada a Jesus no mundo antigo. O autor alega que Jesus provavelmente foi um dos maiores magos da Antiguidade (p. 83). Isso porque se tornou conhecido naquele contexto devido a um aspecto de sua magia: a prática de exorcismos. Mais do que mostrar os milagres relatados nos textos dos Evangelhos, ou tomar um em específico, a conclusão do autor direciona-se para uma abordagem narrativa de fator religioso e cultural que dizem respeito aos poderes sobrenaturais, que transitam entre crenças politeístas e monoteístas, bem como ao que pertence à tradição do sincretismo helenístico, com um tanto de fórmulas mágicas (*vores magicae*) (p. 84).

Pensemos que, assim como aquele contexto judaico era impregnado de religiosidade, é certo que no centro da pregação de Jesus, as curas e exorcismos são os atos que estiveram sustentando o seu ministério, bem como os motivos pelos quais a sua morte foi proclamada. Por outro lado, entende-se o fundo histórico que, a nosso ver, é o que o Cornelli está buscando demonstrar, embora não esteja explicitamente apresentado no texto. São estas características, as dos atos, fatores também simbólicos que resgatam desde as tradições mais antigas a tradição religiosa de Jesus, que não se pode de forma alguma negar o fundo histórico e cultural de suas manifestações miraculosas.

Portanto, a problemática sobre magia e milagres nas manifestações de Jesus, embora que conte com a interpretação histórica, cultural ou religiosa, até teológica tratando-se da época moderna, deve supor um grau de historicidade ao qual não se quer afirmar, fora isso, o pesquisador(a) estaria cometendo um *crime* com o Jesus histórico ao negligenciar tais questões com base em sua própria razão. Imagino que milagre, nesse contexto, fosse algo respaldado na interferência do Deus do cristianismo, e magia seriam forças de manipulação sobrenaturais a fim de desenvolver algum propósito pessoal, ou seja, a fim de cumprir vontades, sejam elas quais forem.

À vista disso, sob nosso entendimento, dependendo do contexto e situação no qual o Jesus de Nazaré estiver relacionado a milagre e magia, vale estabelecer a categoria analítica do que vem a ser milagre e magia, a fim de que fique facilitada a interpretação.

Sua morte com respaldo no cumprimento de uma profecia. Se sua morte também foi com respaldo no cumprimento de uma profecia, também o foi tendo em vista suas manifestações miraculosas, o que o tornou conhecido e logo impulsionou a proclamação de sua morte. Diferentemente dos outros libertadores, citados acima, paralelos ao Jesus de Nazaré, este último teve sua morte proclamada por um ato religioso e político. Talvez tenha sido “[...] o iniciador do cumprimento da profecia de Isaías de que todas as nações farão, no tempo escatológico, o culto no Templo de Jerusalém” (FUNARI *apud* CHEVITARESE; CORNELLI; SELVATICI, 2006, p. 302). Mas sua morte também foi devida a sua “[...] fama de milagreiro [...]” (CORNELLI, p. 113). Logo, ela estaria diretamente ligada à sua prática de exorcismos, cujo “[...] conjunto de tradições sobre o Jesus histórico parece indicar que os modelos proféticos do galileu Jesus são Elias e Eliseu, profetas da tradição popular do norte, magos e taumaturgos” (pp. 103-104), num contexto localizado ao sul do Líbano.

Conclusão. Ao final desse exame, com base na aplicação da Análise Textual Discursiva, ficou clara a compreensão de um estudo aprofundado numa cultura que possui resquícios de uma tradição com fundo histórico, o que permite compreendê-la sob distintos aspectos. Ademais, nosso exercício analítico também apontou para um estudo sociológico sobre a religiosidade, onde podemos apontar Max Weber, este que ao tratar da ideia de “desencantamento do mundo”, que é um conceito cunhado por ele, porém ao se referir à magia, pode-se entender que ela estaria ligada à uma ideia de coerção do sagrado, e uma vontade racional em subordinar os deuses que demanda de um feito, uma realização imediata.

Exemplo prático II: Extraído da dissertação (LOURENÇO, pp. 159-169)

Exposição do corpus: *Reza Aslan: Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré, 2013*

Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré, Reza Aslan, 2013. Este *corpus* escolhido para o nosso exame diz respeito a uma obra fervorosa e que pode arrancar profundos suspiros no leitor. O foco de análise de Aslan neste livro é o seu fabuloso retrato histórico fornecido ao Jesus de Nazaré segundo o seu ponto de vista: “[...] um judeu que liderou um movimento popular judaico na Palestina no início do século I d.C; o segundo é que Roma o crucificou por isso” (p. 20). Aos olhos de Aslan, Jesus foi um judeu revolucionário com a ambição de ser rei dos judeus, porém, segundo o que havia sido prometido pelas escrituras hebraicas, cuja exasperada devoção colocava em perigo as autoridades do Templo (p. 103).

O mais singular desta obra é a figura de Jesus transitar sobre um termo que pode ser facilmente confundido por um leitor desatento nas palavras: *zelota*.

Embora Aslan apresente toda uma contextualização histórica sobre esse partido/ grupo político judeu num contexto diferente da Palestina do século I, o leitor desatento poderá rejeitar a obra em primeiro momento devido ao seu título, contudo, ele carrega o peso de quem de fato sabe sobre o que escreve.

Os zelotas são entendidos como um grupo político judeu, com princípios religiosos, que reivindicavam a libertação de Israel e o estabelecimento do Reino de Deus na terra, como demonstra Aslan. O Jesus zelota, é totalmente distinto de tal grupo ou suas ideologias. Segundo Aslan, “[...] *Jesus não era um membro do partido zelota que lançou a guerra contra Roma, porque não se pode dizer que tal partido existisse senão trinta anos após sua morte. Nem era Jesus um violento revolucionário, defendendo a rebelião armada [...]*” (p. 102). O título zelota que é dado ao Jesus de Nazaré, segundo a perspectiva do autor, é com base nas ações de Jesus a época, expressarem um determinado tipo de zelo pelo Templo. Desse modo, enquadrando o Jesus de Nazaré como zeloso, Aslan argumenta que suas atitudes são a “[...] *forma como são flagrante inescapavelmente zelosas as ações de Jesus no Templo*” (p. 99).

Aslan fundamenta sua contextualização somente nas fontes dos Evangelhos, o que a nós se apresenta como um problema de caráter metodológico. Há um fio condutor em seus argumentos que liga o camponês judeu e revolucionário à causa de sua morte, abordando como uma grande aventura. Ao mesmo tempo, Aslan se perde na narrativa, ao propor um estudo provavelmente sob uma tentativa de síntese de uma temática bastante complexa, em apenas 233 páginas. Tal visão nossa se pauta na ausência de fundamentação e detalhamento das fontes utilizadas naquela narrativa que nos faz/ fez buscar informações para além da obra. Além do mais, quer dizer, para

além de sua tese claramente explícita através de sua narrativa – a de que o Jesus de Nazaré era um líder judeu zeloso (zelota) – o discurso do autor possui um caráter mais argumentativo-narrativo do que analítico com base num processo empírico. A ausência de notas de rodapé nas páginas nos chama bastante a atenção (porém podem ser consultadas ao final do livro), contudo, Aslan deixa explícito que não almeja que seu livro seja lido como uma obra acadêmica.

Entende-se que o recorte do autor em elaborar um retrato discursivo sobre o Jesus de Nazaré enquanto judeu revolucionário, mesmo com todo esforço para a figura histórica, sua obra revela implicitamente um fervor sentido em demonstrar uma outra visão de Jesus (neste caso, o Jesus Cristo), longe da que é construída dele pelo cristianismo em época posterior. Isso porque sua narrativa se pauta em trechos dos textos dos evangelhos, muito bem selecionados e contextualizados, a fim de fundamentar sua tese de que Jesus de Nazaré foi um líder revolucionário judeu, não apenas um pacifista.

O Jesus de Nazaré não era o único messias⁸ na Palestina do século I, portanto, ao apresentar na primeira parte da obra um esboço geral da Palestina do século I d.C., e ao focalizar no processo de exclusão social do campesinato, a sua atenção se volta às organizações sociais como formas de resistência ao aparato do poder sacerdotal, onde o Jesus de Nazaré seria apenas mais um excluído cujo objetivo, encontrado em sua demonstração de zelo pelo Templo de Jerusalém, se enquadra numa forma de encarar as autoridades romanas como faria qualquer outro messias de seu tempo.

No fim, Jesus acabara sendo executado pelos líderes romanos, também como ocorreu com outros messias (sem qualquer identificação). Entretanto, inserindo-o na corrente messiânica, demonstra que estes foram executados por

⁸ Conforme visto nas obras examinadas, na época de Jesus de Nazaré havia outros sujeitos líderes revolucionários. Logo, ele não seria o único.

Roma, mas o mais brilhante nessa parte é que Aslan não considerava a classe dominante na Judeia, ou seja, o governo romano, mas constrói uma narrativa robusta de um estudo sobre as formas de liderança popular na Palestina do século I d.C. Nesse contexto, inquestionavelmente, o Jesus histórico, o pobre camponês judeu (p. 58) revolucionário, fora apenas mais um, contudo, porque foi simplesmente lembrado.

Quadro Nº 7 – Processo de unitarização de uma obra

Atribuição de unidades teóricas

ASLAN, Reza. Zelota: A vida e a época de Jesus de Nazaré, 2013.		CÓDIGOS
Número	Excerto (unidades de significados)	
1	“[...] O homem tornou-se o Cristo, o salvador da humanidade. Por meio de suas palavras e ações milagrosas, ele desafiou os judeus, que se acreditavam os escolhidos de Deus e, em troca, os judeus o pregaram em uma cruz” (p.11);	[A]/ [UNU]/ [C]
2	“[...] Jesus histórico” (p.13; p.18);	[N]/ [US]
3	“[...] o camponês judeu e revolucionário que desafiou o governo do mais poderoso império que o mundo já conheceu, e perdeu, tornou-se muito mais real para mim do que o indivíduo desligado, sobrenatural, a quem eu tinha sido apresentado na igreja” (p.13);	[A]/ [N]/ [US]/ [UNU]/ [C]
4	“Jesus de Nazaré” (p.13; p.14; p.16; p.17; p.18);	
5	“Jesus Cristo” (p.13);	
6	“Jesus da história” (p.13; p.14; p.18);	
7	“[...] O pregador itinerante, vagando de cidade em cidade clamando sobre o fim do mundo e sendo seguido por um bando de maltrapilhos” (p. 16);	[A]/ [US]/ [UNU]/ [C]
8	“Jesus de Nazaré [...] Ele era um homem de contradições profundas, um dia pregando uma mensagem de exclusão racial [...] às vezes clamando por paz incondicional [...] às vezes promovendo violência e conflitos [...]” (p. 17);	[A]/ [UNU]/ [C]
9	“[...] Jesus, o que eles chamam de messias ” (p.18); - escárnio;	[A]/ [US]
10	“[...] reconhecido como o fundador de um movimento novo e duradouro” (p. 18);	[A]/ [UNU]/ [C]
11	“[...] Jesus foi um judeu que liderou um movimento popular judaico na Palestina no início do século I d.C.; o segundo é que Roma o crucificou por isso” (p. 20);	[A]/ [US]/ [UNU]/ [C]
12	“[...] o Jesus que emerge desse exercício histórico - um revolucionário fervoroso arrebatado, como todos os judeus da época foram, pela agitação política e religiosa da Palestina do século I – tem pouca semelhança com a imagem do manso pastor cultivado pela	[A]/ [US]/ [UNU]/ [C]

	comunidade cristã primitiva” (p. 21);	
13	“[...] transformar Jesus de um nacionalista judeu revolucionário em um líder espiritual” (p. 22);	[N]/ [UNU]/ [C]
14	“[...] o revolucionário judeu politicamente consciente que, há 2 mil anos, atravessou o campo galileu reunindo seguidores para um movimento messiânico com o objetivo de estabelecer o Reino de Deus, mas cuja missão fracassou quando – depois de uma entrada provocadora em Jerusalém e um audacioso ataque ao Templo – ele foi preso e executado por Roma pelo crime de sedição” (p. 23);	[A]/ [UNU]/ [C]
15	“[...] Que ele veio dessa aldeia bastante isolada, de algumas centenas de judeus empobrecidos, pode ser muito bem a única verdade sobre a infância de Jesus sobre a qual podemos estar razoavelmente confiantes. Jesus era tão identificado com Nazaré que foi conhecido em toda a sua vida simplesmente como “o Nazareno” (p. 52);	[A]/ [US]/ [UNU]/ [C]
16	“Ele é um bom homem”, alguém sussurra (p. 52);	[N]
17	“Mas o verdadeiro Jesus, o pobre camponês judeu que nasceu em algum momento entre 4 a.C. e 6 d.C., na desordem da área rural da Galileia – busque-o nas casas de barro esfarelento e tijolos soltos aninhadas em uma pequena aldeia pelos ventos, Nazaré” (p. 58);	[A]/ [US]/ [UNU]/ [C]
18	“[...] havia pouco lá para um carpinteiro fazer. Isto é, afinal, o que a tradição diz ser a ocupação de Jesus: um <i>tekton</i> – um carpinteiro ou construtor [...]” (p. 59);	[A]/ [N]
19	“Se essa afirmação é verdadeira, então, como um trabalhador artesanal ou diarista, Jesus teria pertencido à classe mais baixa de camponeses na Palestina do século I, um pouco acima do indigente, do mendigo e do escravo” (p. 59);	[N]/ [US]/ [UNU]/ [C]
20	“[...] um camponês judeu de um vilarejo insignificante na Galileia [...]” (p. 62);	[A]/ [US]/ [C]
21	“[...] o menino camponês em uma cidade grande” (Séforis) (p. 69);	[N]/ [C]
22	“[...] um carpinteiro de Nazaré chamado Jesus” (p. 73);	[A]/ [C]
23	“[...] messias conhecido como Jesus de Nazaré” (p. 93);	[US]
24	“[...] um simples camponês das baixas colinas da Galileia era visto como uma ameaça ao sistema estabelecido a ponto de ser caçado, preso, torturado e executado” (p. 97);	[A]/ [US]/ [UNU]/ [C]
25	“[...] é a forma como são flagrante inescapavelmente <i>zelosas</i> as ações de Jesus no Templo” (p. 99);	[A]/ [UNU]/ [C]
26	“[...] Jesus não era um membro do partido zelota que lançou a guerra contra Roma, porque não se pode dizer que tal partido existisse senão trinta anos após sua morte. Nem era Jesus um violento revolucionário, defendendo a rebelião armada [...]” (p. 102);	[A]/ [UNU]/ [C]
27	“[...] Jesus foi crucificado por Roma e sua exasperada devoção colocava em perigo as autoridades do Templo” (p. 103);	[A]/ [UNU]/ [C]
28	“[...] Jesus era um camponês desconhecido e diarista labutando na Galileia” (p. 112);	[A]/ [US]/ [C]
29	“[...] Jesus tornou-se rapidamente um pária na pequena comunidade na colina” (p. 118); um homem à margem da sociedade, excluído do convívio social;	[A]/ [UNU]/ [C]
30	“[...] Jesus não era nem messias, nem rei; era apenas mais um	

	milagreiro viajante e exorcista profissional rodando pela Galileia realizando seus truques” (p. 125);	[A]/ [US]/ [UNU]/ [C]
31	“[...] Jesus certamente não foi o primeiro exorcista a caminhar pelas margens do mar da Galileia [...]” (p. 126); voltar à página;	[A]/ [US]/ [C]
32	“[...] milagreiro itinerante” (p. 127);	[US]
33	“[...] Jesus não foi o único milagreiro a percorrer a Palestina curando enfermos e expulsando demônios. Aquele era um mundo impregnado de magia, e Jesus era apenas um de um número incontável de adivinhos e intérpretes de sonhos, feiticeiros e curandeiros que perambulavam pela Judeia e a Galileia” (p. 128);	[A]/ [US]/ [N]/ [C]
34	“Nem era Jesus o único exorcista na Palestina” (p. 129);	[US]/ [C]
35	“Pode ser verdade que, ao contrário de muitos de seus companheiros exorcistas e milagreiros, Jesus também tinha ambições messiânicas [...] Esses homens e seus companheiros milagreiros eram conhecidos pelos judeus e gentios como “homens de ações”, o mesmo termo que foi aplicado a Jesus” (p. 129);	[A]/ [N]/ [UNU]/ [C]
36	“[...] o status de Jesus como um exorcista e taumaturgo pode parecer incomum, até mesmo absurdo, para os céticos modernos, mas não se afastava muito da expectativa normal de exorcistas e milagreiros na Palestina do século I” (p. 130);	[A]/ [US]/ [UNU]/ [C]
37	“[...] não são poucos os estudiosos contemporâneos da Bíblia que têm abertamente rotulado Jesus de mágico . Sem dúvida, Jesus usa técnicas de um mágico – encantamentos, fórmulas ensaiadas, cuspidas, súplicas repetidas – em alguns de seus milagres” (p. 131);	[N]/ [A]/ [US]/ [C]
38	“[...] O Jesus da história tinha uma atitude bem mais complexa em relação à violência [...] Mas ele certamente não era pacifista” (p. 142);	[C]/ [A]/ [UNU]
39	“[...] Jesus de Nazaré foi um judeu e nada mais” (p. 142);	[A]/ [C]
40	“[...] o camponês judeu simples e o pregador carismático que viveu na Palestina há 2 mil anos [...]” (p. 143);	[A]/ [UNU]/ [C]
41	“[...] Jesus não era um simples encenqueiro” (p. 172);	[A]/ [UNU]/ [C]
42	“Tal “criminoso” muito provavelmente teria sido considerado digno de atenção de Pilatos” (p. 172);	[A]/ [N]/ [C]
43	“[...] camponês da Galileia que reivindicou o trono do Reino de Deus” (p. 181);	[A]/ [UNU]/ [C]
44	“[...] A história do camponês galileu zeloso e judeu nacionalista que vestiu o manto de messias e lançou uma rebelião temerária contra o sacerdócio do Templo corrupto e da perversa ocupação romana chegou a um fim abrupto, não com a sua morte na cruz nem com o túmulo vazio, mas no primeiro momento em que um de seus seguidores se atreve a sugerir que ele é Deus” (p. 187);	[US]/ [A]/ [N]/ [C]
45	“[...] Jesus como libertador” (p. 196);	[UNU]/ [C]
46	“[...] Jesus, o judeu. Jesus, o zelota. Jesus de Nazaré” (p. 229);	[US]/ [UNU]/ [C]

Fonte: Elaboração própria (2024)

Categorias emergentes: As categorias emergentes advinhas da leitura e do exame dos excertos acima, após a análise acerca do conteúdo contido neles, e

apresentadas a nós a partir da aplicação da ATD sobre as unidades de sentidos e significados, resumem basicamente a tese do autor: a de um Jesus de Nazaré, camponês judeu e revolucionário, líder de um movimento popular judaico na Palestina do século I. O discurso do autor é marcado por uma combinação de temas expostos à luz dos trechos (excertos) encontrados, que dizem respeito às unidades teóricas, estas que indicam chaves interpretativas do texto. Essas categorias aparecem bastante ao longo da obra, onde estão sempre bem contextualizadas na maioria das passagens. Essas categorias, ou seja, unidades teóricas, se combinam a fim de formar a unidade argumentativa realizada por Reza Aslan. Elas, as categorias, dizem respeito a um camponês judeu revolucionário, pregador itinerante, e um insignificante judeu na Galileia antiga, característico da classe popular, que liderou um movimento revolucionário na Palestina no início do século I, que Roma o prendeu e o executou por crime de sedição.

Metatexto. Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré, de Reza Aslan, publicada em 2013, apresenta como as motivações do autor se organizam e embasam sua tese, sinalizada mais acima. Contudo, o autor apresenta uma obra incrível no sentido de contextualização, porém prejudicada com a forma na qual trabalha com as fontes e alguns conceitos fundamentais acionados por ele sem que haja uma clarificação destes. Pensemos que o autor cometa com certo anacronismo ao se apropriar de conceitos da época moderna para se referir a Jesus de Nazaré e às pessoas de seu tempo.

A fim de que não pareça redundante esta parte, irei tratar do conceito revolucionário, este que tanto aparece na obra e que foi (é) bastante confuso para nós. Parece que, na perspectiva de Aslan, este conceito tanto se aplica às atitudes do Jesus de Nazaré, no que diz respeito a um líder revolucionário que visa confrontar e derrubar um império predominante à época, mas que esse

revolucionário fosse um líder marginalizado, insatisfeito com o regime autoritário do sistema. Este foi um judeu simples, que não era encenqueiro (p. 172), que não foi messias (com conotação de escárnio), nem rei, mas foi mais um milagreiro viajante e exorcista profissional cheio de truques (p. 125).

Por outro lado, este termo é utilizado para se referir às pessoas, em que o autor engloba grupos e pessoas que de certa forma estariam envolvidas no que podemos entender como revoltas. Talvez devido ao contexto social em que escreve, pode-se entender como revoltas camponesas.

Já ao se referir ao Jesus histórico, o conceito possui sua própria história, ou seja, é utilizado para elaborar uma narrativa de um líder camponês, pobre e judeu, que viveu na Palestina do século I, como já visto, que possivelmente pertenceu à classe mais baixa de camponeses (p. 59), que foi visto como ameaça, porém o título de revolucionário é uma visão de outrem, assim como o camponês galileu zeloso (Jesus de Nazaré) foi visto como Deus por seus seguidores. O título de revolucionário é dado por Aslan a fim de que este constructo da modernidade (termo de John P. Meier) fosse visto como um zeloso pelo Templo de Jerusalém, um pacifista, que emergiu do seu exercício histórico (p. 21).

Conclusão. Ao final desse exame, com base na aplicação da Análise Textual Discursiva, pudemos dividir a narrativa em três pontos segundo a aplicação do conceito *revolucionário*. Ao compor tal exame empírico, percebemos o quanto este foi utilizado, o que nos fez se atender de forma única ao contexto no qual ele estava sendo empregado pelo autor. Portanto, esta unidade de sentido e significado, se apresentou a nós enquanto útil para se situar na contextualização dos argumentos do autor. Para além dela, de forma geral, esta obra é inquestionavelmente um grande exercício contextual, percebe-se o esforço do autor em construir uma narrativa clara e bastante detalhada, que

prende o leitor(a), mas que, devido à sua falta de consubstancia em alguns momentos, a fim de que se dê continuidade na leitura, foi preciso buscar subsídios para além da obra. Trechos dos textos dos Evangelhos canônicos são a fonte importante que embasa a tese do autor. Contudo, o esforço de sua obra é basicamente defender o seu ponto de vista, onde para isto, com base nestes, constrói uma narrativa que visa enquadrar o Jesus de Nazaré enquanto zelota, este que o autor considera ser o retrato mais aproximado para o Jesus histórico, e como ele deve ser lembrado.

O que podemos constatar a partir do exame empírico

A pesquisa do Jesus histórico neste século XXI está em sua grande maioria atrelada a preocupações com a fé, com o aspecto social da vida e o ministério de Jesus e, por outro lado, ela diz mais sobre buscas incessantes de um desconhecido apresentado com uma suposta afinidade, porém relegado às (re)construções fundamentalmente históricas de maior intensidade, quando não por uma narrativa nova ou escandalosa.

Entendendo que tais processos de subjetividade (sentidos e significados subjetivos) são rastreáveis através das produções discursivas respaldadas pelas experiências de vida do indivíduo pesquisador, nosso exame empírico, atrelado à teoria da subjetividade na qual nos baseamos, nos permitiu inferir que os discursos sobre o Jesus histórico estão dotados de produções subjetivas, onde em vários momentos o fez individualizado em suas estruturas. Aí se nota o sujeito pesquisador movido segundo a sua subjetividade ao desencadear sentidos e significados ao Jesus histórico. E, por outro lado, pode-se dizer ainda que as construções sobre o Jesus histórico padecem de ilusão biográfica, entendendo que sua *vida* é uma daquelas noções de ficção de si guiada pela

atribuição de sentidos a partir de uma busca por coerência aos fatos narrados, quer dizer, acontecimentos considerados, pelo narrador, como sendo aqueles mais significativos que fornecem elementos fundamentais para compor a história de sua vida.

Nosso exame permitiu-nos compreender quais são as unidades de sentidos e significados atribuídas ao Jesus histórico nos trabalhos postos em exame.

Os autores André L. Chevitarese, Gabriele Cornelli e Monica Selvatici, 2006, entendem que o Jesus histórico: não seria um messias religioso (Gabriele Cornelli); mas um mago popular galileu (Cornelli); curandeiro popular, rezador e dos mais poderosos (Cornelli); itinerante galileu e milagreiro (Cornelli); profeta itinerante galileu iletrado, profeta messiânico de origem popular (Paulo A. Nogueira); exorcista (Nogueira); um novo José, um novo Moisés (Monica Selvatici).

E aos olhos de Reza Aslan, 2013: um camponês judeu e revolucionário; pregador itinerante; um homem de contradições profundas; um judeu que liderou um movimento popular judaico na Palestina no início do século I d.C; um revolucionário fervoroso arrebatado; revolucionário judeu; pobre camponês judeu; um simples camponês judeu das baixas colinas da Galileia; um camponês desconhecido e diarista labutando na Galileia; milagreiro viajante e exorcista profissional; milagreiro itinerante; exorcista e taumaturgo; um camponês judeu simples e pregador carismático; um camponês galileu zeloso e judeu nacionalista; libertador, judeu e zelota.

Sobre essas *histórias da vida de Jesus*, através desse estudo, podemos dizer que as construções sobre o Jesus histórico padecem de ilusão biográfica e que estão melhor inseridas numa espécie de ficção de si. É certamente uma tendência em descrever uma vida como um caminho, uma rota, uma trilha, com

suas encruzilhadas, ou talvez como uma trajetória percorrida ininterruptamente de forma unidirecional, como acentua Pierre Bourdieu (2006, p. 184). Todavia, a partir do pressuposto do fator ideológico do narrador, que põe em voga sua dimensão criativa. Portanto, conforme Meier (1992), como poderiam conhecer sua realidade *total*, definida em termos tão amplos e abrangentes?

Dessa forma, o Jesus histórico no século XXI, pode ser lido como sendo um *Jesus histórico-subjetificado*⁹. Nas obras analisadas, nos deparamos com uma narrativa sucinta em que o autor busca introduzir à temática, recorrendo aos tipos de materiais, fontes (sejam elas quais forem, canônicas, extracanônicas, apócrifas, históricas) disponíveis para traçar um retrato aproximado do Jesus de Nazaré ao conjecturar sobre o Jesus histórico, contudo, sob uma derivação ideológica do pesquisador a fim de tornar a história de sua vida um relato factual. Defino o termo *Jesus histórico-subjetificado*, sendo um tipo de aferição do objeto histórico interpretada segundo a teoria da subjetividade na qual nos pautamos, que através dela podemos alegar que há resquícios detectáveis reconhecidos como produções subjetivas do indivíduo autor, que se apresentam como unidades de sentidos e significados na narrativa.

Por fim, a subjetividade pôde ser compreendida enquanto ferramenta construtiva que produz tipos de sentidos e significados ao Jesus histórico, o que não se limita apenas aos retratos da terceira etapa (e que se revelou a nós somente ao final desse estudo), esta que se deu a partir dos anos 1980, mas que podemos reconhecer, embora que seus primeiros resquícios, desde a primeira etapa da busca no século XVIII. Mas que no século XXI pode ser melhor detectada, uma vez que, se nota a força ideológica presente nos discursos textuais (de forma singular), que almejam produzir um tipo de discurso de teor

⁹ Termo de teorização pessoal.

estético de si, que põe em voga a dimensão criativa do pesquisador a fim de dar sentido à narrativa.

REFERÊNCIAS

ASLAN, Reza. **Zelota: A vida e a época de Jesus de Nazaré**, 2013.

CHEVITARESE, André L.; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Monica. **Jesus de Nazaré: uma outra história**. São Pedro: Annablume; FAPESP, 2006.

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele. **A descoberta do Jesus histórico**. São Paulo: Paulinas, 2009. – (Coleção quem dizem que sou?)

CROSSAN, John Dominic. **O Jesus Histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994. 544 p. (Coleção Bereshit).

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Editora Perspectiva, 12ª ed., São Paulo. 1977.

EHRMAN, Bart D. **Como Jesus se tornou Deus**. Tradução de Lúcia Britto. – 2ª edição – São Paulo: LeYa Brasil, 2020, 544p.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014. – (Leituras filosóficas).

GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva [recurso impresso e eletrônico]: uma ampliação de horizontes**. Ijuí: Ed. Unijuí. – 192 p. – (Coleção educação nas ciências).

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992. 208 p. (Coleção TRANS).

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP : Editora Alínea, 2017.

LISBOA, Walter. **A pesquisa do Jesus histórico**. Revista de Cultura Teológica, 2001, n.34 (2001): ANO IX; pp. 51-80, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/24146>. Acesso em 05. Ago. 2023.

LOURENÇO, Hudson S. **Entre sentidos e significados: Uma leitura antropológica e filosófica da subjetividade, como ferramenta construtiva na produção dos tipos de discursos do Jesus histórico**. 2024. 206 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2024.

MEIER, Jon Piper. **Um Judeu Marginal: repensando o Jesus histórico**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992, 488p. (Coleção Bereshit).

_____. **Um Judeu Marginal: repensando o Jesus histórico**, volume 3, livro 1; companheiros. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2003. 304p. (Coleção Bereshit).

MOARES, Roque. **Uma Tempestade de Luz: A compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. A storm of light: comprehension made possible by discursive textual analysis. Ciência & Educação (Bauru), v. 9, n. 2, p. 191-211, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132003000200004>. Acesso em 20 nov. 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SJ RAUSCH, Thomas P. **Who Is Jesus? Na Introduction to Christology**. Liturgical Press, Collegeville, Minnesota. Edição Inglês. 2003, p. 232.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus histórico: um manual**. Tradução Milton Camargo Mota; Paulo Nogueira. 3. ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2015.